Antonio Tavernard

DALCÍDIO JURANDIR

Romancista paraense. Autor de **Marajó**; **Chove nos campos de Cachoeira** e outros

Nunca é tarde para falar de Tony, o admirável sacrificado do Rancho Fundo. Assim não quero falar dele com literatura. Falo como um companheiro de geração. Esta geração que tem tanta gente aproveitada e esquecida lá pro fundo do subúrbio, como Álvaro Tupiassú, e gente metida entre os velhos da Academia Paraense de Letras, como Corrêa Pinto Filho. Tavernard foi o mediador entre a geração de Bruno de Menezes e de Stélio Maroja e Levy Hall.

O curioso foi que nunca o visitei no Rancho Fundo, onde o Machado Coelho ia falar de Amiel, de Anatole, de todos os moralistas deste mundo, mais a sua predileção pelo velho Machado de Assis, aquele seu agarramento pelo **Quincas Borba** e a Capitu... Ribamar de Moura ia falar naturalmente sobre Krisnamurit, daquele cristianismo de bom gosto de Ariel, de Rodé e das modernas feições do idealismo que vem de Hegel até a macia e sonora "evolução criadora" de Bergson, que por fim se converteu ao miticismo. Certos caminhos da "intuição que Tavernard não podia compreender em Ribamar. Tavernard poderia gostar de Bergson, porque Bergson é um artista. Alguém lia Platão por puro prazer Eu leio também a **Imitação de Cristo**, também por puro prazer... Neste ponto ninguém me venha dizer que este prazer não é uma religião...

Tavernard no Rancho Fundo ganhou os poderes de orixá da geração. Conheci-o no Ginásio, esperto, suado, rindo e pulando, cheio de sol, gostando da vida como um bom animal contente.

ESTA SAUDADE

Ao Machado Coelho

Minha saudade cada vez mais bela,
Vai-se tornando cada vez mais pura,
Há de fazer-se santa,
Toda cheia de graça e de amargura.

Vive dentro de mim como na cela
De longínquo mosteiro. E reza, e canta...
Reza sobre o passado: "Dorme em paz!"...
Canta para o presente: "Sonha mais!"...
"O sono e o sonho!" – manda, e obedeço,
maravilhado...
Mas, quantas vezes, quantas adormeço
sobre o presente
enquanto, docemente,
Vou sonhando, sonhando com o passado!?...

Minha saudade já não chora mesmo
porque não lembra o sofrimento
E é tão flébil às vezes que, a esmo,
murmuro eu, a sós comigo mesmo:
– "Esta saudade é quase esquecimento!".

Apareceu, um dia em minha vida,
de angústia inenarrável como núncia
Mas depois, ascendeu,
do abismo torvo da paixão perdida,
ao píncaro suave da renúncia,
e nunca mais desceu.
Vive dentro de mim como na cela
De longínquo mosteiro. E reza, e canta...

(Antonio Tavernard)

Era jovem, "puro como o espírito das rosas", novinho em folha, com o vigor de uma árvore nova, aberta em flor diante do sol. Depois, foi o enfermo e solitário, como um mutilado, quando tinha na frente um mundo para criar como disse Lins do Rego daquele soborosíssimo Âlcantara Machado... O mal terrível o mutilou no corpo e na arte. A sua arte deformada e por isso mesmo trágica, cheia de altos e baixos, saturou-se de um pessimismo inoculável na sua solidão. Solidão nietzrheana, como se Tavernard morasse no alto da montanha, entre Zaratrusta e a Gaya Ciência, embriagado de amplidões... Bem que ele puxou para disfarçar a sua angústia. Mas o seu riso era sempre um soluço. Ele desmentiu aquela sentença do velho Rochelcauld: ninguém encara fixamente o sol e a morte. Nunca um homem esteve tão conscientemente ao sabor desses dois mundos. O sol e a morte. Quanto sol houvesses não era bastante para iluminar-lhe o desespero e o ódio. Zweig fala em certos tédios criadores mas a sua força é quase sempre dissolvente e esgota a potencialidade do maior artista que se decida a vivê-lo. Zweig alude a Cervantes. O tédio que fez D. Quixote. Mas até agora não está bem certo si o D. Quixote foi escrito na prisão. Depois, não foi o tédio, foi a vida que Cervantes vivera e que está toda em cheio no seu livro.

A morte lhe foi uma camarada até o fim. Lhe deu ternuras boas, alegrias súbitas, certa disposição para a mística da vida transcendente... E quando a morte num gesto lhe fechou os olhos sempre deslumbrados, tudo a Tony devia ser tão imaginário como ele foi na vida nesse relâmpago de vida que ardeu como um deus solar. As imagens eram os seus personagens reais. Sutilizava o pessimismo e o tédio. Lhe davam uma aparência festiva nas emoções. Tavernard sofreu muita influência nociva para a formação de um escritor tal como exigem as condições da vida contemporânea. Nunca deixou, porém, de ser personalíssimo, transbordante, lírico. Insisto na estrutura lírica de sua personalidade. Perdeu um bocado o sentido da realidade objetiva. Seria capaz de negar, por pura atitude emocional, a existência material das coisas como queria Berkeley... Viveu com exagero a sua realidade interior. Como se debatendo entre espelhos. Quase uma deformação

estética ou como diriam os críticos maníacos da classificação: hiperestesia... Como aquele Augusto dos Anjos, o estranho professor haeckeliano de nhillismo...

Acreditava em Vitor Hugo com o entusiasmo dos hugolatras que assistem a primeira representação de Cronwell... Não poderia amar Vitor Hugo naquele modo como o colocou Luiz Aragon. Tavernard queria o Hugo enfático e grandioso, dessa grandeza fofa, romântica, mais literária que humana... Saturação literária motivada pela solidão, pela contemplação mística, pela incontinência das leituras desordenadas. Faltava-lhe ainda direção nos quadros atuais do pensamento contemporâneo. A emoção nele era tudo. Pode-se mesmo dizer que era a emoção a procura de todos os assuntos para se derramar como uma enchente. Chegava até no campanudo, tentando a "pura melodia da frase". Às vezes monótonas tiradas verbais. Puxando pelo estilo que ficava mesclado de rançosos termos camilianos e inesperadas palavras brasileiras. Escrevia impulsivamente. Era até baita na colocação dos pronomes e na complicação dos casos oblíquos que faz tão antipática e artificial, entre nós, a língua, tão espontaneamente brasileira, que falamos... Mas Tony escrevia para escapar de si mesmo. Espécie de auto libertação impossível. Daí a sua arte mutilada, aos pedaços, luminosíssima em muitos aspectos, banal e artificiosa, de encomenda em outros. Tudo por culpa do seu transbordamento romântico na solidão. Faltou-lhe mais ar, mais contacto com a vida eu há cá em baixo. Depois não teve um Montaighe, um Renan, para equilibrar-lhe as emoções. Teria conduzido a sua arte com mais justeza. Não quis, por exemplo, o conselho de Reiny de Gourmont ou a doirada serenidade de Maeterlinck. Mas é tolice minha dando palpite na carreira tão rápida de um escritor como Tavernard. O que ele foi, foi ele mesmo. Torrencial, afoito, falando à maneira de Coelho Neto. Sem tempo de pensar na adaptação de seu estilo às novas formas da nossa língua. Ele que tinha tantas possibilidades de um estilo para hoje. Mas o que o interessava não era a realidade dos homens misturados na fuligem dos interesses e das paixões. Sim, a própria realidade tão densamente trágica e inesgotável que só ele podia escutar e às vezes reprimir sabe lá com que doloroso esforço.

Como seria bom para Tavernard que a sua vida fosse exaltada com aquela inflexão dramática do coro grego, com aquela envolvência patética da música dionisíaca. Porque, como diria Nistzsche, a tragédia guarda o ímpeto de Dionísios plasmando a alegria criadora da cultura pré-socrática. Sócrates matou a tragédia grega. O seu trágico foi Eurípedes que introduziu na tragédia o pensamento crítico, o comentário da própria vida... Tavernard gostaria de ouvir na sua solidão e no seu tédio as vozes do Coro e do Oráculo e a música dos cortejos pagãos entre os símbolos terríveis de Medea e de Sisffo...

Enfim um inadaptado na Amazônia. Queria era a luminosidade hugoana. Quando muito fascinado por Villiers Adam, e o lado mais exterior do senso trágico de Pöe. Bem podia sofrer e sonhar como aquele Karamazof messianico, cheio daquele elan místico de Dostoieveski. Apesar de romântico era um seuzido pelas experiências simbolista Mallaremé e pelos cemitérios marinhos de Valery, a poesia pura. Cristão, intensamente e paradoxalmente cristão. Entre as duas orações à Acrópole, entre Renam e Chateaubriand, preferia a deste porque ficava bem ao espírito. Não sei se leu Berdialef. Seria capaz de seguir o aviso de reologo de "Uma nova Idade Média": tornar-se um cristão, regressar às catacumbas para, como no tempo de Constantino, conquistar novamente o mundo... Mas, apesar de católico – desse catolicismo lírico de que fala Gilberto Freyre na **Casa Grande & Senzala**. — era um amigo de Juliano, o Apostata. Conciliaria as duas grandes épocas ficando entre Leonardo da Vinci e S. Tomaz de Aquino. Tavernard foi um dos últimos artistas com espírito voltado para o Resnacimento, fim da escolástica e início do pensamento científico, na significação de John Dewey. De método experimental.

Só mesmo Tavernard me obrigaria a escrever assim de coisas que nos parecem tão cacetes pelo abuso que dela fizeram. Os que fizeram literatura mais estufa para salão ou para museu. Maurois é o padrão da estufa literária.

A geração perdeu o seu belo artista. O seu orixá magnífico. O seu maior símbolo de sacrifício e beleza. Bruno de Menezes comparou ele a Álvares de Azevedo. Este estava muito bem no seu tempo. Tavernard, daí a sua inadaptação, esteve muito mal na sua época. Apesar de tudo, o contista de **Fêmea**, realizou um ato heróico na contingência dessa nossa vidinha provinciana: fez artista puro. E é pena que não pudesse revelar tudo que havia de grande e surpreendente na sua arte.